

# Resenha do livro “Negritude Potiguar vol. III, cultura popular negra” de Geraldo Barboza de Oliveira Junior

*Review of the book Negritude Potiguar vol. III,  
cultura popular negra*

**Andersonn Henrique Araújo, Me.**  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
andersonn.henrique.araujo@gmail.com

## Como citar este texto:

ARAÚJO, A. H. Resenha do livro “Negritude Potiguar vol. III, cultura popular negra” de Geraldo Barboza de Oliveira Junior. **Diálogos Sonoros**, v. 2, n. 1, p. 1-11, jan./jun. 2023. Disponível em:  
<https://periodicos.ufrn.br/dialogossonoros/article/view/31469>.

Submetido em: 08/02/2023.

Aceito em: 22/06/2023.

## RESUMO

O objetivo desta resenha é apresentar ao leitor o terceiro volume da série intitulada Negritude Potiguar (OLIVEIRA JUNIOR, 2021). O livro traz aspectos da cultura e da música afro-ameríndia norte-rio-grandense que são importantes não apenas como elementos constitutivos de uma identidade singular do povo potiguar, como também se tornam mecanismos de atuação política, da luta e da resistência que têm na música o seu viés de atuação. Como metodologia foi utilizada a descrição analítica do contexto da obra, através das reminiscências de um fazer acadêmico vinculado a obra de Câmara Cascudo (1955), suas influências no fazer social e na construção da história oficial do povo potiguar. Como resultados, inferimos a necessidade da presença dos trabalhos que versam sobre as músicas afro-ameríndias não apenas nos espaços de pesquisa, como também nos espaços de aprendizagem musical nos seus mais diferentes níveis.

**Palavras-chave:** Resenha. Música afro-ameríndia. Música potiguar.

## ABSTRACT

The aim of this review is to introduce the reader to the third volume of the series entitled Negritude Potiguar (OLIVEIRA JUNIOR, 2021). The book brings aspects of Afro-Amerindian culture and music from Rio Grande do Norte that are important not only as constitutive elements of a unique identity of the Potiguar people, but also become mechanisms of political action, struggle and resistance that have in the music his acting bias. As a methodology, the analytical description of the context of the work was used, through the reminiscences of an academic work linked to the work of Câmara Cascudo (1955), its influences in the social work and in the construction of the official history of the Potiguar people. As a result, we infer the need for the presence of works that deal with Afro-Amerindian music not only in research spaces, but also in musical learning spaces at their most different levels.

**Keywords:** Review. Afro-American Indian music. Potiguar music.

## 1 APRESENTAÇÃO GERAL

O organizador da coletânea “Negritude Potiguar” é o professor, pesquisador, consultor ambiental e antropólogo Geraldo Barboza de Oliveira Júnior. O pesquisador tem desenvolvido atividades relacionadas a Antropologia e as Populações Tradicionais, das

quais se destacam as comunidades quilombolas e indígenas, os povos de terreiro, os pescadores artesanais, os agricultores e os assentados. Também tem participado de associações científicas nacionais, como a Associação Brasileira de Antropologia -ABA e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC. Além dessas atividades, Geraldo Oliveira Junior atuou como colaborador no Instituto de Desenvolvimento, Planejamento e Educação Ambiental – IDEIA/RN. Esses trabalhos e vivências, em conjunto com sua própria história com as religiões de matrizes afro-ameríndias, trouxeram para Oliveira Júnior uma sensibilidade e uma forma ímpar de abordar os temas sobre os quais ele escreve. Tal sensibilidade pode ser vista nos seus diversos artigos e nas suas publicações científicas que enfatizam os múltiplos aspectos de vida das populações de comunidades tradicionais, como suas histórias, suas culturas, os conflitos socioambientais, e a utilização da memória foto etnográfica como construção possível de um presente/futuro luminescente e negro.

Para a sua mais recente coletânea, “Negritude Potiguar”, o autor abriu uma chamada pública que permaneceu aberta por alguns meses, e isso abriu a oportunidade para que pessoas de diferentes escopos e áreas do conhecimento pudessem inscrever os seus trabalhos, os seus relatos e as suas práticas. Atualmente, a coletânea conta com cinco volumes e com mais de trinta autores interessados nos temas pertinentes a cultura afro-ameríndia no Rio Grande do Norte.

Os trabalhos, artigos e relatos são das áreas da antropologia, da ciência política, do direito, da pedagogia, da sociologia, da música e da cultura, sem, contudo, não se resumirem e nem se aprisionarem a um campo científico específico. De maneira transversal, são abordados os diversos aspectos da identidade negra potiguar. A intenção da coletânea é dar visibilidade às questões vinculadas as comunidades rurais, aos povos de terreiro, e as multiplicidades que envolvem as expressões culturais potiguares. Sendo produzida durante a pandemia de Covid-19, alguns textos da coletânea trazem as experiências que as comunidades tradicionais tiveram com o distanciamento social, através das adaptações necessárias para fazer com que as mobilizações, sejam elas artísticas, políticas e religiosas (que se apresentam inseparáveis), tivessem continuidade apesar do distanciamento social. Também foram abordados elementos sociológicos e históricos mais amplos, focados nas origens e nas continuidades/mudanças dos aspectos da vida das pessoas que vivem nas comunidades quilombolas rurais e nos territórios negros urbanos.

A coletânea “Negritude Potiguar” é dividida em cinco volumes: o primeiro é dedicado as comunidades quilombolas e rurais; o segundo voltado para as práticas religiosas,

que por vezes encontram questões jurídicas que tentam invisibiliza-las historicamente intencionando colocar as suas práticas no campo das marginalidades sociais; o terceiro volume focado nas práticas artísticas, culturais e musicais das/nas comunidades negras; o quarto volume traz textos e relatos sobre questões e episódios que da memória da negritude potiguar, e; o quinto, último volume, se debruça sobre os povos de matriz afro-ameríndia através dos relatos e das vivências nos territórios da capital potiguar.

Para esta resenha, abordamos especificamente o terceiro volume que, nas palavras do organizador, reúne dados e impressões que contribuem “com a construção de um registro histórico do processo educativo e cultural e de organizações comunitárias agregadas sob o teto de algumas manifestações artísticas e estéticas” (OLIVEIRA JUNIOR, 2021b). São trazidas uma pequena, mas significativa, amostra de um leque de expressões da cultura popular, da cultura negra e da apropriação universal. Esse movimento ocorre no sentido de suscitar o resgate e a preservação da memória da população potiguar. Dentro do escopo da música e da cultura, o terceiro volume do livro “Negritude Potiguar” abrange desde a expressão coletiva do fazer artístico musical, como o Congo de Caçolas da Vila de Ponta Negra (no capítulo 4) e o Pau e Lata de Batuques e Junteiro (capítulo 6), até a tentativa de preservação da memória histórico-cultural através dos Museus Quilombolas do RN (Capítulo 2), passando pelas práticas individuais do fazer artístico (que nunca são completamente individuais) relatado no primeiro capítulo através da figura da grande poetiza e compositora potiguar Jacira Costa. Dentro da área da Música, os trabalhos que são trazidos neste volume apresentam importantes contribuições para às áreas da Educação Musical, da Performance, da Musicologia, da Etnomusicologia, dos estudos afro-ameríndios, e da pesquisa sobre práticas, resistências e proposituras decoloniais.

## **2 CONTEXTO DA OBRA**

Antes de aprofundar nas temáticas de cada capítulo, é importante apresentar ao leitor a conjuntura histórico-antropológica dos estudos dos povos de matriz afro-ameríndias em território potiguar, bem como a situação social vivenciada por esses povos. Na literatura acadêmica norte-rio-grandense, há demonstrações das mais variadas formas de ser racista, a partir do tratamento que varia do folclórico, da descrença e que geralmente desemboca na criminalização da cultura das pessoas negras. Sobre essa situação, Geraldo Oliveira Junior faz o seguinte relato:

vale lembrar a prática comum até os fins do século passado: em algumas cidades era usual que se procurasse a Delegacia local para se alertar sobre a instalação de um Terreiro de Umbanda ou Candomblé; como também, não era incomum que esses espaços fossem visitados por autoridades da lei para averiguação. Na primeira metade do Século XX, o texto de Câmara Cascudo, Meleagro, traz um capítulo dedicado a um ritual de Jurema que foi registrado e fotografado por um Delegado de Polícia. No final do Século XX, numa publicação antropológica, o autor se refere à mesma Jurema como feitiço ou coisa botada que os negros acreditam (OLIVEIRA JUNIOR, 2021b, p. 7).

Os episódios de intolerância racial nem são relegados ao passado e nem tampouco se restringem ao Estado do Rio Grande do Norte, contudo, é importante aqui ressaltar que é prática comum episódios de intolerância, seja no âmbito policial, ou no meio acadêmico. Registrado por Câmara Cascudo, um desses episódios de opressão contra os povos afro-ameríndios na cidade do Natal com base na hierarquização de valores é relatado por Geraldo Oliveira Júnior (2021b). No referido registro, o sacerdote de catimbó Manuel Pereira da Silva foi levado a investigação no ano de 1947 por autoridades da natalenses. Ele foi obrigado a dar explicações sobre a origem e a utilização dos materiais de seu ritual, bem como obrigado a realizar uma seção para o delegado e um fotógrafo indicado.

A intervenção policial contra os povos negros e indígenas permanece contemporânea, e episódios parecidos são relatados por diversas autoridades em território potiguar. Como exemplo, é descrito no segundo volume da série *Negritude Potiguar* um episódio que envolveu a discriminação racial e a prisão de mestres da cultura negra. O advogado Emanuel Palhano atuou como defensor de um Sacerdote de Candomblé que foi levado à Delegacia de Turismo e Meio Ambiente de Natal acusado pelo crime ambiental inafiançável de poluição sonora. Palhano faz um relato sobre o acontecido no segundo volume da série “*Negritude Potiguar*”. Em suas palavras,

No Rio Grande do Norte e, de forma mais enfática em Natal-RN, muitos terreiros de Umbanda, Jurema e de Candomblé foram fechados, sob alegações de poluição sonora, denúncias de práticas de “magia negra”, sacrifício de animais, etc. Muitas vezes, o medo de ser condenado foi mais forte do que a coragem de enfrentar o processo criminal, optando os sacerdotes e sacerdotisas por fecharem suas portas mediante o simples registro de ocorrência junto a uma delegacia de polícia (PALHANO, 2021, p. 35).

Esses casos de racismo que persistem em ocorrer na contemporaneidade nos permite incidir na forma com que os equipamentos estatais tratavam (e continuam a

tratar) as práticas cotidianas. Tais ações são vinculadas a hierarquizações que subalternizam a cultura negra, delegando-a e restringindo-a a um “caso de polícia” a partir dos mecanismos sociais de opressão que intensificam as desigualdades. Nesse sentido, além de um caso a ser discutido no direito, na antropologia, e nas áreas correlatas aos estudos de cultura afro-ameríndia, esses episódios precisam também serem discutidos mais enfaticamente pela área da música. São ogãs (músicos) e práticas musicais que são reprimidos com argumentos que criminalizam os corpos negros e a suas culturas. Há, portanto, uma responsabilidade social para a área da música e para a educação musical que objetivem ajudar a construir um mundo mais inclusivo, democrático e que colabore para mitigar as injustiças sociais.

Se por um lado, no cotidiano tais práticas culturais eram vistas como “casos de polícia” do outro lado, os relatos acadêmicos produzidos nos textos da série “Negritude Potiguar” reforçam o enfrentamento da invisibilidade das populações afro-ameríndias. A série de trabalhos publicados por Geraldo Oliveira Junior fazem contraponto a uma visão “científica” que tentou silenciar as manifestações negras e indígenas, como a do estudioso Câmara Cascudo (1955).

O ilustre folclorista e pesquisador Luís da Câmara Cascudo decretou não apenas o fim dos povos negros no RN, como também o “extermínio final” dos indígenas. Em seu escrito da primeira metade do Século XX, intitulado “História do Rio Grande do Norte”, que se tornou parte da narrativa oficial sobre essas populações, ele escreveu: “quem vê os registros paroquiais do Século XVIII constata a procissão ininterrupta dos óbitos de caboclos, de índios, quase todos meio plantadores, meio mendigos, desajudados e caminhando para o aniquilamento final” (CASCUDO, 1955, p. 38). Interessante notar que alguns adjetivos utilizados pelo folclorista para qualificar os caboclos e indígenas é utilizado ainda hoje, em pleno Século XXI, para se referirem à população em vulnerabilidade social: desajustados e mendigos.

Os textos publicados por Oliveira Júnior nos seus 5 volumes trazem não apenas uma versão alternativa a esse fim trágico dos povos afro-ameríndios, como também denunciam a invisibilização acadêmica, a marginalização, e o extermínio promovido pelos braços do Estado (como a polícia e a academia). A série “Negritude Potiguar” apresenta que o intento nefasto, sintetizado academicamente por Cascudo e operacionalizado nas prisões de religiosos e músicos de matrizes negras e indígenas, não conseguiram dar cabo: a negação da existência que visou o extermínio dos corpos e das culturas.

Diante do quadro de social que envolve o existir através do resistir dos corpos e das culturas frente a máquina de extermínio estatal, o terceiro volume da obra “Negritudes Potiguares” vem nos apresentar as singularidades e as memórias dos povos negros e indígenas. Sem esse quadro, seria comprometida toda e qualquer visão e compreensão da história, da cultura e da música do povo potiguar. As narrativas expostas neste volume do livro visam ampliar a compreensão cultural, para além das máquinas de extermínio que agem cognitivamente, de um lado, e que alicerçam a repressão do braço cognitivo e armado do Estado, do outro.

Os textos trazem uma ruptura com a perspectiva evolucionista que impera no campo cultural, que sexualiza o corpo negro e que castra as suas capacidades. Os artigos rompem com a concepção de que o corpo negro é delegado as atividades ligadas ao trabalho braçal, ou quando consideradas as atividades artísticas, reduzindo-as ao julgo do adjetivo “folclore” (OLIVEIRA JUNIOR, 2021b).

### **3 APRESENTAÇÕES DOS CAPÍTULOS**

O livro “Negritudes Potiguares vol. III: Cultura Popular negra” se faz importante, considerando o contexto anteriormente mencionado, ao focar narrativas advindas dos contextos sociais dentro do escopo de produção da música e da cultura de matriz negra e indígena. São sete autores, divididos em seis artigos que iluminam as produções da/na música potiguar.

O primeiro artigo é assinado por Nair Paiva, negra, poeta, membro da Sociedade dos Poetas Vivos e Afins-RN. O seu trabalho é intitulado “Jacira Costa: Poeta, Compositora” e buscou escrever a biografia e a discografia através de entrevistas, da pesquisa sobre a história do rádio no Estado do Rio Grande do Norte, jornais, e publicações acadêmicas relacionadas a artista. Jacira Costa nasceu em 23 de outubro de 1923 no Povoado de Carnaúba, no município de Pedro Velho, interior do Rio Grande do Norte. O capítulo reconstrói a trajetória da artista potiguar ao mesmo tempo em que interliga a sua produção musical com os fatos históricos da capital, como a chegada e o desenvolvimento da rádio em Natal entre os anos de 1930 e 1960. O texto aborda acontecimentos importantes na vida de Jacira que são marcos do protagonismo feminino, como a formação do primeiro conjunto formado por mulheres no RN, o Trio Japungá que pertencia a Rádio Nordeste e tinha por formação Jacira no violão, Eglaine Bezerra de Souza no tantã e Tônia Santos no

afoxé. O capítulo também é composto por fotos, poemas escritos por Jacira, indicações de composições e gravações realizadas por outros artistas de suas composições. Neste sentido, a música de Jacira, seu contexto cultural, social, humano, como mulher negra de atuação não apenas no campo musical, como também político, agenciam formas de viver a experiência musical e possibilitaram, por exemplo, o surgimento de outros grupos musicais femininos.

“Museus quilombolas no RN: a experiência de Gídeo Véio e da Picada” é o título do segundo trabalho deste volume da coletânea. O autor, Raimundo Melo, faz um esforço de registro e de difusão das experiências de memória e museologia social realizadas em duas comunidades quilombolas, a primeira na Comunidade da Gameleira, localizada em São Tomé, 120km distante da capital, e a segunda na Comunidade da Picada, localizada na região do Vale do Assú, região central do Estado do Rio Grande do Norte. É interessante notar que o trabalho trata das mobilizações políticas e organizacionais que envolvem a criação e a operacionalização de ambos museus. O artigo também relaciona as memórias como instrumento de resistência e de luta que permeia os saberes e fazeres locais com forte impacto nos processos educativos e culturais nas comunidades no qual estão inseridos.

O terceiro trabalho é intitulado “A ascensão da capoeira no Estado do Rio Grande do Norte”, o escrito faz um trabalho de arqueologia do saber na busca das pessoas que trouxeram a capoeira para o Estado. O autor Josué Oliveira buscou os registros de atividades dos primeiros capoeiristas a chegarem na cidade do Natal, na década de 1960, bem como ressalta a influência do contingente de militares da Marinha brasileira que influenciaram na popularização desta manifestação em território potiguar. Diante deste contexto, o trabalho traz os relatos das trajetórias de dois mestres: o mestre Marcos e o mestre Índio. O autor traz depoimentos de ambos que são ricos em aspectos educativos, culturais e históricos para a construção da trajetória da capoeira no Rio Grande do Norte.

Escrito por Geraldo Oliveira Junior, que também é o organizador da coletânea, o quinto texto considera a Vila de Ponta Negra, situado na capital potiguar, um território negro. O autor busca a origem e a memória discursiva dos descendentes das primeiras famílias e de seus moradores nativos. Além disso, considera o grupo cultural afro-brasileiro “Congos de Calçola” como uma das manifestações da expressão da memória negra. O texto traz o conceito de território negro, e sua subdivisão entre rurais (remanescentes de quilombos) e urbanos (casas de matriz religiosa afro-brasileira e bairros de preponderância cultural negra). O autor ressalta que a Vila de Ponta Negra em Natal/RN



possui uma população afro-brasileira, mesmo que miscigenada e urbanizada, e se manifesta através de expressões musicais de matrizes afro-brasileiras como as capoeiras, os grupos de Coco de Roda, de Zambê e de Congada. O artigo busca reconstruir a narrativa de formação do bairro através da história de vida de Dona Arlinda Luíza Alves (moradora mais antiga da Vila de Ponta Negra), do Mestre Pedro (depositário de memória e mestre dos Congos de Calçola), de Joca de Cafurico (pescador, empresário e produtor cultural de Congos, Capoeira e Coco), e de Dona Zulima (mãe-de-santo de Jurema). O autor termina o seu trabalho prestando reverência a ancestralidade mostrada pelos entrevistados que, por resiliência, se perpetuam nas memórias coletivas das manifestações culturais do bairro de Ponta Negra.

“Coco Juremado RN as Flechas: tecendo história e fazendo cultura com a ciência da Jurema Sagrada” é o quinto capítulo deste volume. O grupo de coco de roda é formado por integrantes negros e indígenas que reverenciam a cultura e a religiosidade afro-indígena. O capítulo traz as memórias e a vida do mestre Gilvan Aiquoc, o nascimento e as transformações da manifestação musical no decorrer dos anos, as apresentações em festivais de cultura e as lutas políticas e sociais que o grupo vivenciou para a construção de um ponto cultural para abrigar o Coco.

O último capítulo é dedicado ao projeto “Pau e Lata” que foi criado em 1996 em Maceió/AL e que migrou para o Rio Grande do Norte ao longo dos anos. O projeto busca promover a formação musical através das bandas rítmicas, bem como contribuir para o processo educativo de formação da cidadania ao suscitar a discussão sobre as responsabilidades em relação ao meio social, cultural e ambiental. O trabalho escrito por Danúbio Gomes da Silva e Lilian Maria Araújo de Carvalho traz as transformações do projeto no campo da Extensão Universitária através das ações em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Os autores afirmam que o projeto é uma ação educativa que conecta aspectos políticos, ambientais e estéticos. O caráter de militância desenvolvido no “Pau e Lata” demonstra o caráter político pedagógico próprio da Educação Popular, por meio das manifestações de caráter contestatário. O artigo lista os espaços de atuação e de performance musical do projeto, dos quais destacamos: XII Encontro Anual da ABEM – Associação Brasileira de Educação Musical em 2002, Natal/RN, e; Fórum Social Mundial em 2003 e 2009. Durante o ano de 2010, o projeto Pau e Lata, em parceria com a associação de moradores do bairro da Redinha e da Rede Jovem de Terreiro fundaram o Bloco de Afoxé Estrela. O bloco possui características distintas do projeto Pau e Lata, como o forte predomínio do ritmo de Ijexá. Como marco inicial do bloco, os autores destacam o

desfile de carnaval no ano de 2010 em Natal que se desenvolveu por meio de uma ação de resistência da Cultura Negra. Entre os anos de 2013 e 2014 o Projeto Pau e Lata/Afoxé Estrela da Manhã realizou ações educativas em parceria com a Escola Municipal Mário Pinheiro, em Ceará Mirim. O artigo/relato mostra um quadro que revela a importância da coletividade e da militância coletiva através da música que fortalece a luta contra a intolerância religiosa e a discriminação cultural.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De uma maneira geral, os trabalhos apresentados no livro “Negritude Potiguar, vol. III: cultura popular negra” trazem uma significativa contribuição para a construção histórica de uma narrativa que vai de encontro com aquela apresentada por Cascudo e por seus seguidores. Esse movimento levantado pelos autores faz resistência e traz a existência de músicas e de culturas que por vezes são ignoradas nos espaços de discursão social, como a academia, as escolas, as políticas públicas, etc.

A potência deste volume consiste na sua múltipla pertinência para a discussão atual sobre a música afro-ameríndia, das quais podemos destacar que o livro: I. pode servir de recurso pedagógico e ajudar a professores de música nos mais diversos níveis; II. ajuda fomentar a pesquisa da música afro-ameríndia em território potiguar; III. contribui para reparar a dívida histórica que a academia possui com essas populações, baseada na ausência e na exclusão dessas histórias nos ambientes universitários, e; IV. reforça a construção de identidades a partir do reconhecimento das músicas de matrizes negras e indígenas potiguares como possibilidade de performance musical, de investigação científica, e como conhecimento a ser introduzido nas aulas de música.

Essas perspectivas propõem a utilização desse material como instrumento pedagógico, que promove a necessária inclusão da cultura afro-ameríndia, e podem ajudar na orientação perspectivas que considerem a responsabilidade social para a área da música e suas subáreas. Essa construção só é possível quando se rejeita a continuidade da subalternização dos corpos negros/indígenas e das suas culturas. Esse é um dos caminhos no qual o engajamento da área da música pode contribuir na construção de uma sociedade mais inclusiva, democrática com vista a mitigação das injustiças sociais.

Por fim, é importante ressaltar que a coleção foi lançada em formato de e-books e está disponível gratuitamente no site da Editora Oiticica. Os livros físicos estão disponíveis

a venda em sites de livrarias online e os recursos angariados são destinados a construção da sede da Comunidade Quilombola Livramentos, na Cidade de Angicos, região central do Rio Grande do Norte.

## REFERÊNCIAS

CASCUDO, Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1955.

OLIVEIRA JUNIOR, Geraldo Barboza de (org.). **Negritude Potiguar, vol. III**: cultura popular negra. João Pessoa: Oiticica, 2021. Disponível em: [https://www.editoraoitica.com.br/\\_files/ugd/0a21b9\\_e8f1318f1b154cb48d651a54de3fd27e.pdf](https://www.editoraoitica.com.br/_files/ugd/0a21b9_e8f1318f1b154cb48d651a54de3fd27e.pdf). Acesso em: 6 fev. 2023.

OLIVEIRA JUNIOR, Geraldo Barboza de. Apresentação. *In*: OLIVEIRA JUNIOR, Geraldo Barboza de (Org.). **Negritude Potiguar, vol. II**: povos de matriz africana. João Pessoa: Oiticica, 2021b. p. 7-11. Disponível em: [https://www.editoraoitica.com.br/\\_files/ugd/0a21b9\\_889b485ff77243d8ba11a6b07deb1d4f.pdf](https://www.editoraoitica.com.br/_files/ugd/0a21b9_889b485ff77243d8ba11a6b07deb1d4f.pdf). Acesso em: 6 fev. 2023.

PALHANO, Emanuel. O candomblé perante a sensibilidade jurídica ocidental: a desconstrução do ethos de um povo pelo sistema jurídico inquisitorial e pela desqualificação racial. *In*: OLIVEIRA JUNIOR, Geraldo (Org.). **Negritude Potiguar, vol. II**: povos de matriz africana. João Pessoa: Oiticica, 2021b. p. 18-38. Disponível em: [https://www.editoraoitica.com.br/\\_files/ugd/0a21b9\\_889b485ff77243d8ba11a6b07deb1d4f.pdf](https://www.editoraoitica.com.br/_files/ugd/0a21b9_889b485ff77243d8ba11a6b07deb1d4f.pdf). Acesso em: 6 fev. 2023.